

INSTITUTO HÓRUS DE DESENVOLVIMENTO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

RESULTADO			Recomendação	
Pontuação: 21		Avaliação válida (>70% das perguntas respondidas), RISCO ALTO	Rejeita	
Análise de risco para plantas invasoras			<i>Tradescantia fluminensis</i>	
Seção	Grupo	Questão	Trapoeiraba	
Histórico biogeográfico				
A	Cultivo / Domesticção	1.01	O táxon apresenta fortes indícios de domesticação?	não
		1.02	Há registros de que o táxon esteja se propagando espontaneamente nos locais onde está domesticado?	
		1.03	Táxons da espécie estão registrados como plantas daninhas ou pragas?	sim
	Clima	2.01	O táxon ocorre naturalmente ou há registro de que esteja estabelecido em alguma região de clima Equatorial?	não
		2.02	O táxon ocorre naturalmente ou há registro de que esteja estabelecido em alguma região de clima Tropical (Zona Equatorial, Nordeste Oriental ou Brasil Central)?	sim
		2.03	O táxon ocorre naturalmente ou há registro de que esteja estabelecido em alguma região de clima Temperado ou Subtropical?	não
	Registros de ocorrência e invasão	3.01	O táxon apresenta histórico de introduções repetidas fora da sua área de distribuição natural?	sim
		3.02	Há registro de que o táxon esteja estabelecido fora da sua área de ocorrência natural historicamente conhecida?	sim
		3.03	Há registro de impactos causados pelo táxon em jardins, benfeitorias ou áreas degradadas?	sim
		3.04	Há registro de impactos causados pelo táxon em áreas com atividade agrícola, pecuária, silvicultural ou horticultural?	não
		3.05	Há registro de que a espécie seja invasora de ambientes naturais em algum lugar do mundo?	sim
		3.06	Outras espécies do mesmo gênero são consideradas invasoras em outras regiões ou estão estabelecidas no Brasil?	sim
Características indesejadas				
B	Atributos indesejados	4.01	O táxon apresenta espinhos, acúleos ou outra saliência capaz de causar ferimentos ou impedir a passagem de pessoas ou animais?	não
		4.02	Há evidências de que o táxon produza alterações químicas no solo? (tais como alelopatia, mudança de pH, fixação de nitrogênio, entre outros)	não
		4.03	É um táxon parasita?	não
		4.04	É um táxon impalatável para animais de pasto nativos ou introduzidos?	
		4.05	É um táxon tóxico para seres humanos ou para animais nativos ou domesticados economicamente importantes?	não
		4.06	Há registro de que o táxon seja hospedeiro ou vetor de pragas ou patógenos conhecidos que afetem espécies nativas ou de valor?	não
		4.07	O táxon causa alergias em seres humanos?	sim
	Hábito e potencial competição por recursos em ambientes naturais	5.01	Há evidências de que o táxon produz alterações físicas em interações ecológicas? (tais como aumento do risco de ocorrência de incêndios, altera processos erosivos naturais, afeta o sistema hidrológico do solo)	não
		5.02	É um táxon tolerante à sombra em alguma fase do ciclo de vida?	sim
		5.03	O táxon tolera solos arenosos, ácidos ou de baixa fertilidade?	sim
		5.04	O táxon é uma liana ou tem outra forma de crescimento capaz de suprimir outras plantas?	sim
		5.05	O táxon forma touceiras densas? (principalmente lenhosas perenes)	sim
		5.06	O táxon é uma árvore, arbusto lenhoso perene, erva, grama ou geófito? (caso o táxon não pertença a nenhum destes grupos, o campo resposta deve permanecer em branco) responder: "árvore" ou "arbusto" ou "erva" ou "grama" ou "geófito" ou "não"	erva
	Características biológicas e ecológicas			
C	Mecanismos reprodutivos	6.01	Há evidências da presença de fatores bióticos na área de distribuição natural da espécie que reduz sua capacidade reprodutiva?	
		6.02	O táxon produz sementes viáveis?	sim
		6.03	Há evidências de que o táxon seja capaz de realizar hibridização interespecífica?	
		6.04	Há no país alguma espécie endêmica congênere?	sim
		6.05	O táxon é capaz de realizar autopolinização ou apomixia?	sim
		6.06	O táxon necessita de polinizadores especializados?	não
		6.07	O táxon se reproduz por fragmentos vegetativos diferentes dos apomíticos ou geofíticos?	sim
		6.08	Qual a duração do período juvenil? [a] até 1 ano; [b] 1-4 anos; [c] mais de 4 anos	a
	Mecanismos de dispersão de propágulos	7.01	Produz propágulos com probabilidade de dispersão involuntária por pessoas, máquinas etc.?	sim
		7.02	Produz propágulos dispersados intencionalmente ou cultivados por pessoas?	sim
		7.03	Produz propágulos com probabilidade de dispersão como contaminantes de produtos?	não
		7.04	Produz propágulos adaptados para dispersão pelo vento (anemocoria)?	não
		7.05	Produz propágulos adaptados para dispersão por água (hidrocoria)?	sim
		7.06	Produz propágulos dispersados por pássaros (ornitocoria) ou morcegos (quiropterocoria)?	não
		7.07	Produz propágulos dispersados por animais (externamente)?	sim
7.08	Produz propágulos dispersados por animais que se alimentam dos frutos e as sementes sobrevivem à passagem pelo sistema digestório?	não		
8.01	O táxon é um produtor de sementes prolífero?	não		

Atributos de persistência	8.02	Há evidências de que as sementes do táxon permanecem viáveis no solo por mais de 1 ano?	não
	8.03	É possível e fácil encontrar uma forma de controle eficaz com custos razoáveis?	sim
	8.04	Algum predador natural efetivo do táxon está presente no país?	sim
	Documentação		
	1.01		
	1.02		
	1.03		
	2.01		
	2.02	I3N Brasil	
	2.03		
	3.01	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	3.02	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	3.03	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	3.04		
	3.05	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	3.06	I3N Brasil - P.E. Vila Velha, PR	
	4.01		
	4.02		
	4.03		
	4.04	De modo geral não há oportunidade para consumo por animais de criação pois não ocorrem em pastagens.	
	4.05		
	4.06		
	4.07	http://davesgarden.com/guides/pf/go/101716/	
	5.01		
	5.02		
	5.03	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	5.04	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	5.05	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	5.06		
	6.01	A espécie é nativa do Brasil, região sudeste (RJ)	
	6.02	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	6.03		
	6.04		
	6.05	www.hear.org.br/pier/wra/pacific/tradescantia_fluminensis_html/wra.htm	
	6.06		
	6.07	I3N Brasil, Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER	
	6.08		
	7.01	Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER: http://www.hear.org/pier/species/tradescantia_fluminensis.htm	
	7.02	Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER: http://www.hear.org/pier/species/tradescantia_fluminensis.htm	
	7.03	Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER: http://www.hear.org/pier/species/tradescantia_fluminensis.htm	
	7.04		
	7.05	Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER: http://www.hear.org/pier/species/tradescantia_fluminensis.htm	
	7.06		
	7.07	Pacific Island Ecosystems at Risk - PIER: http://www.hear.org/pier/species/tradescantia_fluminensis.htm	
	7.08		
	8.01		
	8.02	www.hear.org.br/pier/wra/pacific/tradescantia_fluminensis_html/wra.htm	
	8.03	Standish, 2010. Prospects for biological control of Tradescantia fluminensis Vell. (Commelinaceae): http://www.conservation.co.nz/upload/documents/science-and-technical/DSIS9.pdf	
	8.04	A espécie é nativa do Brasil, região sudeste (RJ)	